REVISTA UNIVERSAL.

N.° 5.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.° 29, ESQUINA DA RUA DOS DOURADORES POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.

Quinta feira 3 de Fevereiro de 1842.

A redacção da **REVISTA UNIVERSAL** acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo impresso, e assignado pelo Editor.

DIARIO METEOROLOGICO DESDE 26 ATE 31 DE JANEIRO DE 1842.

Dias do Mez.	Termom.° Exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	ESTADO DA ATMOSPHERA.
	Minm.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
26	46°	60°	763,5	763,0		B. NO	Claro e nuv.°—Cob.° denso—Tepido e hum.
27	51	56	64,0	62,0		NO. N.	Id. — Claro. — Fresco e seco.
28	42	61	62,0	60,0	½	O. SO.	Cob.°, nev.° no horis. e algum chuv.°—Cob.°, chuviscos, e claros.
29	42	55	63,4	62,3		¹N. ¹NE	Claro — Frio e seco.
30	46	55	61,7	61,0		²N	Id. e alguma nuvem — Claro — Frio e seco.
31	38	54	63,3	62,0		B. ¹N	Id.......................Id.

RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES DE JANEIRO.

Temperatura media das madrugadas — 42.° F. (4 ½ R) — D.° nas horas de maior calor 54. (10.°) D.° media do mez 48.° (7 ½) Variação media diurna 12.° (5.° ½) — Maior variação diurna a 20, 21.° (9 ½) — Maior frio a 9 — 26.° (3.° abaixo da congelação) — Maior calor a 20, e 23 — 61.° (13.) Alturas do barometro reduzidas á temperatura de 61.° — Menor a 14, 750,8 mill: — Maior a 17 771,1 mill: — Media do mez 762,0 — *Ventos dominantes* contados em meios dias N,16 — NO,11 — O,6 — SO,8 — NE,11 — Varias 2 — Bonanças 8. — Dias claros 10 — Claros e nuvens 4 — Cobertos e algum claro 3 — Chuva e chuviscos 11 — Nevoeiros, e depois claros 3 — Nortes em que gelou 4 — Dias de tempestade 2 — Ventosos 8 — de frios rigorosos 10 — de frios notaveis 5, e na totalidade 15 dias frios.

As quadras dominantes foram sete; a 1.ª de 3 dias frios, muito humidos, com nevoeiros de manhã, e depois claros, com o horisonte vaporoso, e pequenos ventos: a 2.ª de outros 3 dias frios, muito humidos, ceo coberto com pequenas chuvas de aguaceiros muito frios, e ventos rijos do mar: a 3.ª de 6 dias extraordinariamente frios, gelo, e geadas densas, ceo claro, ar muito seco, e ventos brandos do norte: a 4.ª de 3 dias temperados, ar muito humido, chuvas abundantes, e tempestades de travessia: a 5.ª de 5 dias frios, ar muito seco, ceo claro, e ventos rijos do septentrião: a 6.ª de 8 dias tepidos, muito humidos, pequenas chuvas, alternadas com o ceo ora claro ora nublado, e ventos variaveis; e finalmente a 7.ª de 3 dias frios, ar seco e ceo claro.

Segue-se que o mez decorreo muito frio e seco, pois a sua temperatura media foi 2.° inferior á regular. A chuva recolhida não excedeo a 37 millimetros que equivalem a 11 almudes por braça quadrada, ou ainda menos de metade do que costuma cahir um mez regular.

M. M. F.

PLANTAÇÃO D'ARVORES.

PORTUGAL.

56 Por sua immensa utilidade persistimos em fallar neste objecto, agora que é tempo proprio para curar delle.

A principal sciencia da plantação d'arvores consiste em surribar, ou cavar muito fundo a terra, de sorte que fique bem rota, e sem pedras, cascalhos, raizes, troncos velhos, sem nada emfim de quanto possa estorvar que as raizes se estendam, e desenvolvam. Nos terrenos d'onde se tiram arvores velhas, para plantar novas, maior cuidado deve haver em fazer grandes surribas, e cavar muito profundamente a terra, segundo a natureza do terreno, abrindo-se covas, que deverão, antes da plantação, ficar expostas ao ar, por espaço d'um, dous, e mais annos, afim de que o terreno exhale, e evapore o azote, e os sucos das raizes, e troncos velhos, que prejudicam as novas plantações. Preparado assim o terreno, escolhem-se arvores já desenvolvidas, para cedo fructificarem, e produzirem; havendo o cuidado de as plantar viradas para o lado em que d'antes estavam, o que se consegue com signaes de papel, e letreiros de norte, sul, nascente, e poente; isto convém muitissimo ao desenvolvimento das arvores. E' igualmente necessario que o lastro em que assentarem as raizes seja de terra sucolenta.

Depois de bem estendidas nas covas, e bem separadas umas das outras, se cobrirão com uma nova camada de terra succolenta, que se regará bem; lançar-se-lhe-ha por cima nova camada de terra, que se tornará a regar, e assim por diante até se encher a cova. Esta regra é observada pelo Snr. João Evangelista, na sua quinta de S. Pedro de Cintra, onde as plantações lhe hão grandemente prosperado, e sem que haja perecido uma unica arvore; o que elle atribue principalmente á réga, que manda fazer nas raizes antes de encher as covas de terra. — Um ponto importante é mandal'a vir de terrenos lodosos, e succolentos, da superficie d'elles, e de logares, em que as arvores, e raizes das plantas, lhe não hajam exhaurido os sucos. Nos terrenos em que houver já arvores deverão plantar-se outras de diversa especie, pois está provado que as da mesma qualidade não prosperam alli. Haja tambem cuidado em plantal'as a certa distancia umas das outras, porque uma arvore desaffrontada produz mais do que tres ou quatro juntas; e se ellas são para aformosear, e dar sombra, mais se consegue este fim pondo-as bem separadas. Por instruido em todos os pormenores da plantação, obteve o Snr. João Evangelista, que UMA larangeira lhe produzisse, ha dous annos, quarenta e dous mil réis!

Mas se por um lado folgamos de apontar este exemplo, filho da industria e saber de um proprietario, lastimamos que em similhante objecto reine geralmente o maior desleixo e ignorancia. Confiamos porém em que estas ligeiras observações e mais do que ellas a leitura do 3.° Tratado de Raspail, traduzido, e publicado, pelo Snr. Dr. Antonio Joaquim de Figueiredo, mostrarão claramente a todos os nossos proprietarios as grandes vantagens da plantação das arvores, e o modo de haver por ella os mais favoraveis resultados. C. X. P. B.

AVISO AOS AGRICULTORES

Sobre os inconvenientes de espalhar o arsenico pelas terras.

PARIS.

57 Quasi que se acha fóra de duvida, que a maior parte das substancias inorganicas soluveis podem ser absorvidas pelos vegetaes, uma vez que estejam dissolvidas, e ir-se depositando no interior delles, em maior ou menor quantidade, depois da exhalação da agua que as ha acarretado para o tecido da planta. A experiencia tem demonstrado que, por este modo, substancias venenosas podem penetrar nos vegetaes com a mesma facilidade, que as assimilaveis e nutritivas; e parece que nos casos em que aquellas são absorvidas em mui pequena quantidade, as plantas não padecem muito por isso. E' pois de presumir que, todas as vezes que os venenos metallicos contidos no sólo penetrarem nos vegetaes conjunctamente com a seiva ascendente, mas em doses minimas, estes poderão continuar a vegetar como se tal não fosse; porém se o veneno fôr absorvido por decurso de tempo, afinal se depositará em alguma parte do vegetal, em quantidade sufficiente para que o uso habitual deste ultimo, como alimento, possa causar prejuiso.

Em algumas localidades usa-se de espalhar pelos campos, mórmente pelas terras de pão, porções muitas vezes consideraveis d'arsénico branco (acido arsenioso) com a mira de destruir os animaes damninhos; ora, á vista das considerações, que fizemos, é de suppôr, que tal pratica, e mais se fôr continuada, não deixa de ter seu risco, se reflectirmos que o oxido branco d'arsenico, sendo quasi inalteravel, póde pelo decorrer dos annos, accumu-

lar-se no solo em quantidade tal, que as plantas venham por fim a impregnar-se d'elle fortemente, e que a sua assimilação seja funesta.

Taes são em resumo as reflexões que faz o Jornal de Chimica Médica de Paris em um dos numeros do anno proximo passado.

A. J. de S.

ORGANISAÇÃO

Dos fundos de uma terra, baseada sobre o augmento progressivo da sua renda.

ALLEMANHA.

58 Com este titulo publicou ha pouco *Nebien*, na Allemanha, uma obra, que comprehende toda a pratica, e theoria, da economia agricola allemã; parece-nos que será bem aceito o seguinte resumo das idéas contidas neste magnifico livro.

Começa o auctor por definir a agricultura, chamando-lhe — *Industria da vegetação* — e diz que esta industria consiste na arte de fazer trabalhar muito a natureza, promovendo uma conveniente direcção ás forças naturaes do terreno, por modo que, com o mesmo trabalho, se fação augmentar as forças de producção, e fecundidade.

Quando se lavra muito, e se semeam grandes extensões de cereaes, ha muito trabalho e pouca vegetação, e por consequencia muita despeza que vai absorver a maior parte dos lucros da producção; disto resulta uma renda liquida mui diminuta: o que se pertende pois é fazer produzir mais, sendo a despeza a mesma. Para isto não recommenda o auctor augmento de trabalho, nem acrescimo de capitaes; porque o melhoramento das terras, e acrescimo na renda liquida, que é o seu grande problema, não se deve procurar por meio de uma cultura exagerada de colheitas bem escolhidas, nem por instrumentos industriaes necessarios para a cultura, nem por maquinas, ou animaes; mas sim por dar melhor acção á força vegetal do terreno, a qual conduza a um augmento gradual de fecundidade e, por consequencia, de productos: em summa, o systema de *Nebien* tem por objecto, como bem o declara o titulo da obra, basear a organisação de um casal, ou de uma herdade, em um constante progresso de fecundidade, e de renda, sem augmento de despeza.

A industria agricola não está no caso das outras industrias; é sobre o trabalho do homem que estas se fundão; mas aquella depende essencialmente do trabalho da natureza, e tem por agentes a vegetação diaria das plantas, e até a vida dos animaes: a terra trabalha produzindo hervas, que augmentão por si mesmas a cultura adubiando-a; e os animaes trabalham convertendo estas ervas em carnes, e fornecendo d'estrumes os prados e curraes; logo, em agricultura, é a natureza que trabalha, dirigida unicamente pelo homem; e como o trabalho da natureza nada custa em comparação com o do homem, que é muito dispendioso, é preciso procurar o meio de a fazer trabalhar muito, e sem descanço, poupando o mais que for possivel o trabalho humano.

Nos diversos meios que *Nebien* apresenta para melhorar physicamente o terreno, vê-se muita consideração para com o abrigo e encerramento das plantações; assevera elle que pagam bem a renda do logar que occupam, pois promovem a estagnação dos gazes humidos, e fertilisadores, que fluctuando na superficie do terreno se prestam a ser absorvidos pelas plantas no estado de verdura. Divide a cultura em cathegorias principaes, a saber: aquella em que o terreno é ordinariamente aberto e que serve para as cearas de toda a qualidade de grãos mondados; e a em que a plantação pode ser fechada, ou abrigada, ordinariamente, e que deve constar de forragens, prados, e pastos.

A base fundamental do seu systema consiste em estabelecer toda a qualidade de forragens, quer para colher em palha ou em verde; assevera elle que os seus cortes, ou ceifas periodicas, augmentam progressivamente a fecundidade do terreno com o adubio gratuito que resulta da decomposição da relva, e de suas raizes; sustenta como principio, que quanta mais herva produzir, tanto mais crescida será a renda, pois muito maior, e mais barata, sahirá a producção.

Não se deverá cultivar sómente o trevo, mas tambem a luzerna e o samfeno, escolhendo os terrenos que mais lhes convierem. Exaltado apologista dos prados artificiaes, chega a affiançar que até nos paizes que mais povoados forem, se alcançará uma renda muito avultada se se converterem os mais preciosos terrenos em prados, seguindo exactamente os meios por elle indicados.

O que tem impedido até hoje o progressivo desenvolvimento d'esta cultura é, segundo elle diz, a ignorancia dos verdadeiros principios sobre que deve ser estabelecida e da escolha das plantas que devem compor estes prados e pastagens.

Os prados, e seus cortes periodicos, occu-

pam o primeiro logar no systema de melhoramentos apresentado por *Nebien*; n'elles se funda para obter a forragem necessaria para o estio, dando toda a preferencia á economia dos prados sobre as despezas dos curraes ou estrebarias, cujo systema tem feito considerar os gados como *um mal necessario*.

Para se poder regular a conveniente proporção das forragens, *Nebien* considera como principio fundamental que os *rebanhos e gados devem ser considerados como objecto principal de todo o rendimento*; e por conseguinte se lhe devem destinar: 1.º todos os pastos, 2.º os dois terços das colheitas apanhadas á mão, bem como dos grãos; e que não se deve vender, nem consumir em casa, mais do que o terço que fica d'estas colheitas, o que equivale proximamente, diz elle, a um setimo de toda a colheita vegetal, devendo os outros seis setimos serem todos empregados em producções animaes.

Trata depois da fecundidade do terreno, da maneira de a medir, e do que a pode augmentar ou diminuir; da quantidade que é consumida pelas diversas colheitas, dos desperdicios etc.

Em logar de calcular a fecundidade de um terreno em grãos, calcula-a pelo pezo do estrume que os gados produzem; e diz que uma terra tem a fecundidade de 2,000, 2,500 ou 3,000 etc. quintaes d'estrume; e indica as causas de diminuição, como provimentos de *circumstancias locaes*, de *demasiada actividade do terreno*, de *evaporações*, de *inactividade da terra*, ou de *inercia*; o que faz com que esta parte da sua theoria precise ser estudada para evitar complicações.

Todos os seus calculos são em peso. Determina o do estrume que se pode obter, dobrando o da forragem consumida em palha.

Estabelece que 50 quintaes de cereaes no inverno dão 150 quintaes de palha, e que 50 de cereaes obtidos no verão não dão mais do que 100.

Todos os seus raciocinios, observações, e calculos, tendem a concluir que o meio seguro de augmentar gradualmente, e sem novas despezas, a fecundidade do terreno, e seu rendimento annual, consiste: 1.º — em ampliar a cultura das forragens. 2.º — Em restringir o menos possivel a dos cereaes. 3.º Em basear o rendimento da propriedade *principalmente* sobre o producto dos animaes.

Examina depois os diversos systemas de cultura, e, applicando-lhes as suas formulas, consegue, por meio dellas, fazer uma avaliação exacta e mathematica de cada um.

Conclue finalmente que todos os systemas d'agricultura são muito diversos do seu, pois em todos elles se quer obter um valor das cearas e das plantas mondadas, o que tudo faz consideravel despeza de cultivo; que nestes systemas os gados são considerados como *um mal necessario*, pelo grande provimento que é preciso ministrar-lhes em todas as estações, especialmente no inverno, e que pelo seu systema os gados são toda a riqueza, e os prados pouca despeza fazem, tendo a natureza quazi toda a acção, e desenvolvendo uma progressiva fecundidade, nutrida pela grande abundancia d'estrumes que fornece o mesmo gado.

F. A. M. P.

EFFEITOS DA DIMINUIÇÃO

Da pressão atmospherica, ou da rarefacção do ar, no corpo do homem e dos animaes.

FRANÇA.

59 PELAS experiencias recentemente feitas por *Fourcault*, em presença de numerosos expectadores, em París, provou-se, que a falta d'ar, e até a sua rarefacção, no corpo do homem, e dos animaes, póde muito bem matar dentro em pouco tempo.

Os animaes em que aquelle célebre physico fez as suas experiencias, estavam mettidos dentro d'um apparelho, de tal arte construido, que só as ventas lhes ficavam de fóra, e communicavam com o ar exterior; o resto do corpo ficava mettido dentro do recipiente de uma machina, semelhante á pneumatica, de que progressivamente se extrahiao ar, por meio de uma bomba. Todos os animaes morreram, apesar de não se haver nunca inteiramente extrahido o ar contido no recipiente; um coelho de 3 mezes morreu em quatro minutos, e um cão, adulto e robusto, dentro de um quarto de hora. Em todos os animaes assim mortos se achavam o estomago, e os intestinos, mui dilatados pelos gazes que n'elles se continham; o figado havia adquirido um volume quasi quadruplo daquelle que tem no seu estado normal; os vasos capillares internos estavam mais cheios de sangue do que ordinariamente, e a veia cava, e a auricula direita do coração, summamente inchadas.

Compara *Fourcault* estes resultados com os mesmos, que obteve das experiencias, que anteriormente fizera cobrindo a pelle dos ani-

maes com um verniz impermeavel ao ar. N'este ultimo caso, diz elle, morrem os animais de uma verdadeira asphyxia cutanea, caracterisada pela liquefacção do sangue, e pela côr que apresenta nos vasos capillares da pelle, côr muito differente da que tem quando a pelle está em contacto com o ar. Em um e outro caso se engorgitam extremamente as veias.

Termina emfim *Fourcault* asseverando que nas suas experiencias produzio tambem a asphyxia cutanea por meio da immersão dos animaes no oleo de linhaça, ou de unturas muitas vezes repetidas do mesmo oleo sobre a pelle.

Uma importante consequencia se deve tirar de similhante investigação, e vem a ser, quanto convém vestirmo-nos e calçarmo-nos de modo tal, que o ar possa livremente ser absorvido pelos póros de todo o corpo. Já se vê que o uso de botas de borraxa, e de pelles d'animaes applicadas sobre o corpo, ou quando muito sobre a camisa, como usam differentes pessoas, póde occasionar, senão a morte, pelo menos gravissimos transtornos na economia animal.

P. H. S. C.

COMPOSITOR MECHANICO.

LONDRES.

60 Em os nossos artigos n.os 7, 53, e 126 do tomo precedente, fallámos nas diversas tentativas feitas em França, Inglaterra, e Portugal, para abreviar o trabalho da composição. Dissemos em o ultimo que mais cedo ou mais tarde se conseguiria tal fim, visto que diversos machinistas o julgavão possivel, e á porfia trabalhavão sobre este objecto.

Cumpriram-se os nossos desejos e esperanças, e boa nova vimos hoje dar a typographos auctores, e publico; a typograhos, porque dando promptas em muito menos tempo as obras que se lhes encommendarem, de muito maior numero d'ellas poderão incumbir-se, augmentando assim o seu ganho, a auctores, porque não passarão d'ora em diante pelo supplicio de esperar séculos e séculos por uma prova, e trabalharão com mais fervor, vendo por um lado diminuida a despeza de suas obras, e por outro maior azáfama a ellas, por dever esta ser sempre proporcional aos gastos de impressão; ao publico, porque poderá, com menor sacrificio, recrear-se, e instruir-se. Quem não abençoará pois tão engenhosa e util invenção?

A Young e Delambre, maquinistas inglezes, de quem fallámos no primeiro dos citados artigos, é que se deve a solução do problema, que vai fazer uma revolução na arte da typographia. Ainda hoje não podemos dar uma exacta idéa do em que consiste o mechanismo do seu compositor, e por isso nos limitaremos a traduzir o que a este respeito se nos depara nos jornaes inglezes, extrahido da *Phalange de Londres*. Diz ella assim:

» Annunciamos a nossos leitores que a parte principal do presente numero da *Phalange* foi composta com o novo compositor mechanico de *Young e Delambre*; é pois o nosso jornal o primeiro sobre que se ha tentado a applicação d'este processo á imprensa periodica. Uma nova era vai abrir-se para a typographia. Com uma pouca de pratica, e de experiencia, tornar-se-ha tão facil, e ainda divertida, a composição typographica, que até as senhoras se poderão sentar ao piano (tal é a fórma do instrumento), e fixar, por meio de caracteres metallicos, os seus pensamentos, com tanta facilidade como se ao papel os confiassem. Cada tecla corresponde a uma letra; pondo successivamense os dedos sobre umas poucas, vem as letras correspondentes collocar-se no seu logar, em tão pouco tempo quanto é necessario para soletrar as palavras. Este processo multiplicará o numero d'obras que têem de sahir dos prelos, sem todavia diminuir o numero de operarios, nem o salario d'elles, pois quanto mais barato se vende, tanto mais se compra, e quanto mais se compra, tanto mais necessario se torna trabalhar com efficacia »

R. L.

MODO DE *ZINCAR* OS METAES.

ALLEMANHA.

61 Acaba de descobrir um celebre chimico allemão, por nome *Bottger*, um modo simples, e economico, de cobrir o arame, e chapas de cobre e latão, alfinetes, e em geral todos os objectos metallicos, com uma brilhante capa de zinco. Diremos em que o processo consiste.

Põe-se uma porção de zinco, em grãos pequenos, dentro de um vaso de porcellana, ou outra qualquer materia, comtanto que não seja de metal; deita-se-lhe por cima uma solução saturada de sal ammoniaco; aquece-se este até o grão de ebullição, e mettem-se-lhe dentro os objectos que se querem *zincar*, depois de os haver bem limpado com acido hydrochlorico diluido em agua; d'ahi a poucos minutos estão cobertos com uma ca-

pa mui formosa de zinco, e que difficilmente se destroe, até esfregando-os.

C. H. M. C.

PURIFICAÇÃO DA AGUARDENTE.

Dissolvem-se 65 grammas de choluretо de cal em 225 canadas d'aguardente, e distilla-se no alambique. Vai-se recebendo o producto da distillação n'um refrigerador, no alto do qual se acha um crivo; basta que sobre este crivo se ponha uma camada de 10 centimetros de carvão animal bem purificado, atravez do qual tenha de passar o liquido, antes de cahir no fundo do refrigerador.

REMEDIO CONTRA A INSPIRAÇÃO DO CHLORO.

62 Em officinas de branqueamentos, nas fabricas de productos chimicos, e nas experiencias dos laboratorios, acontece muitas vezes a inspiração dos vapores do chloro que resultados bem funestos: para escapar aos perigos inherentes a esse descuido, deve respirar-se o vapor do espirito de vinho, ou engolir torrões d'assucar molhados em alcool. Este remedio, posto em pratica ha dous annos a esta parte, tem sido sempre coroado com feliz exito.

A. J. de S.

DOURADURA LIQUIDA SEM AZOUGUE.

INGLATERRA. FRANÇA. PRUSSIA.

63 Acaba de obter em França o inglez *Elkington*, de Birmingham, privilegio de importação pelo seu processo de douradura; a Sociedade Promotora da Industria Nacional de França conferio-lhe tambem uma medalha de ouro, como recompensa de tão valioso serviço. Eis o em que consiste o dito processo.

Dissolvem-se 155 grammas do melhor ouro em 1,472 kilogrammas d'acido nitro-muriatico, composto de 21 d'acido nitrico puro na densidade de 1,45, 21 d'acido nitrico puro na densidade de 1,15, e de 14 partes d'agua distillada, promovendo a dissolução por meio de um calor moderado. Decanta-se depois o liquido, por causa de um ligeiro precipitado de muriato de prata quando cessa o vapor vermelho, e deita-se em um vaso de vidro, ou antes de porcellana, acrescentando-lhe 320 partes de bicarbonato de potassa dissolvido em 18 litros d'agua, e faz-se ferver por espaço de duas horas. Conserva-se na fervura, em um vaso de barro, ou de porcellana bem limpo, a solução do ouro assim preparada. Os objectos que se querem dourar depois de bem limpos do oxido ou azinhavre, são mergulhados neste liquido, suspendidos por fios, ou arames de cobre. O tempo que deve durar o banho depende da maior ou menor quantidade de ouro que se lhe quer communicar, e tambem da proporção de ouro empregada.

Quando se trata de dourar objectos pequenos, como botões, anneis, pulseiras, etc., enfiam-se em um arame de latão, e mergulham-se no liquido fervendo; basta ordinariamente um minuto quando a dissolução é feita de novo; mas quando já está falta de ouro, por causa das precedentes operações, é necessario mais tempo. Depois de tirar os objectos de dentro do liquido, lavam-se com todo o cuidado em agua pura, e põem-se a córar; por este processo adquirem toda a apparencia da douradura feita ao fogo por meio do azougue.

Elkington prefere o bicarbonato de potassa ao de soda; mas *Schubarth*, de Berlim, emprega este ultimo, por existir mais puro no commercio. Recommenda elle, 1.º — que só pouco a pouco se deite esta substancia no liquido, afim de evitar a effervescencia, que póde levar algum ouro; 2.º — que se lavem os objectos dourados em agua distillada, a qual fica servindo para as subsequentes operações. *Schubarth* simplifica o processo inglez dissolvendo o ouro em sufficiente quantidade de agua regia, e evaporando-a até completa seccura afim de obter o chlorureto de ouro perfeitamente puro: dissolve-o depois em agua distillada, na proporção de 130 para um, e ajunta-lhe, por cada parte de ouro, sete de bicarbonato de soda, até que o liquido se vá fazendo turvo, e tome uma côr esverdinhada. No decurso da operação, toma a solução d'ouro um grão alcalino bastante sensivel, e fica suja pelos oxidos metallicos dos objectos que nella se mergulharam; neste caso é preciso neutralisar por meio do acido muriatico, e precipitar o ouro, pelo sulphato de ferro; este precipitado, depois de se ter deixado em agua pura, póde servir para uma nova operação.

F. A. P. M.

ACÇÃO CHYMICA DA CORRENTE VOLTAIÇA.

ITALIA.

64 Deduzem-se de uma serie de memorias ha pouco publicadas por *Matteuci*, sobre este objecto, e que formam um corpo de doutrina, as seguintes consequencias:

1.º Os productos que se obtêem pela decomposição electro-chymica dos saes dissolvidos na agua, provém directamente da corrente, sem dependencia alguma de acção chymica da agua, como até hoje se havia geralmente acreditado.

2.º Quando se decompõe um sal dissolvido na agua, se a acção da corrente galvanica se limita ao sal, obtem-se, por cada porção d'agua decomposta, um equivalente de metal no pólo negativo; e no positivo um equivalente de acido, e outro de oxygenio. O metal separado para a parte do polo negativo, encontra-se, ora no estado metallico, ora oxidado, segundo a sua natureza; mas n'este ultimo caso ha um equivalente de hydrogenio, que se separa ao mesmo tempo, em consequencia da decomposição chymica da agua.

3.º Se acontece que em uma dissolução salina a agua e o sal se decomponham ao mesmo tempo, e sempre directamente, o que parece verificar-se com os saes cuja baze é o alcali organico, obtem-se então, com a somma dos productos que a corrente decompõe (sal e agua) um equivalente d'agua decomposta no mesmo tempo em o galvanómetro.

P. S. C.

AURORAS BOREAES.

PARIS

65 Leu-se ha pouco na Sociedade central de Geografia de França, uma Memoria de Eugenio Petitou sobre as auroras boreaes, a qual foi unanimemente approvada por tão distincta Sociedade. Nella se apresentavão quasi completamente resolvidas as tres questões seguintes:

1.ª Existem as auroras boreaes na atmosphera?

2.ª Porque são as auroras boreaes frequentes na América do Norte, em latitudes em que nunca apparecem na Europa, nem mesmo no Sul da América?

3.ª Qual é a causa das auroras boreaes?

A' 1.ª pergunta respondem sem replica as numerosas observações de *Eugenio Petitou*; por ellas se prova que as auroras boreaes têem logar muitas vezes por baixo das nuvens.

A anomalia que apresenta a 1.ª desapparece se nos referirmos, não aos pólos do mundo, mas aos pólos magneticos; não ás latitudes do equador terrestre, mas sim ás do equador magnetico. Assim se estabelece uma relação directa entre as auroras boreaes e o magnetismo terrestre, e por consequencia entre aquellas e a electricidade, que deve ser considerada como a origem deste phenomeno. Ha já muito que se conseguia, por meio de uma descarga electrica, produzir as auroras boreaes.

Finalmente, com um apparelho adequado, conseguio *Eugenio Petitou* extrahir algumas centelhas electricas de grandes auroras boreaes, fazendo por este processo desapparecer toda a dúvida sobre a causa originaria de tão notavel phenomeno.

F. A. M. P.

SOBRE O MAGNETISMO ANIMAL.

PARIS.

66 D'entre as presuppostas maravilhas com que todos os dias nos aturdem os fanaticos sectarios do Mesmerismo, d'entre os factos milagrosos de que se acham prenhes os altinossos relatorios dos magnetisadores, e cuja mór parte não pódem classificar-se na esphera dos factos e phenomenos physiologicos até hoje admittidos, ou, para melhor dizer, que são inteiramente contradictorios aos factos physiologicos mais evidentes, e universalmente demonstrados; um dos que, com mais rasão, se hão de incluir nesta cathegoria, é indubitavelmente o da visão atravez de corpos opacos. Apesar de que quasi todas as vezes que os magnetisadores têem querido convencer aos seus incrédulos adversarios da veracidade de tão estranho portento, e que tanto contrasta as leis da physica e da physiologia, hajam sido infelizes nas suas tentativas, porque ou tal maravilha não se realisa, ou a realisar-se, manifestamente se conhece ser devida a combinações charlatans, alguns casos têem havido que de fórma nenhuma pódem ser explicados; d'este numero certamente é o que se lê na Revista Scientifica e Industrial de París, e que vem transcripto no artigo 31 do segundo volume deste jornal. Mas se o redactor daquelle periodico com tanta facilidade deu por exactas e verdadeiras as presumpções do magnetismo, e com a melhor fé entoou amen ás conclusões sustentadas pelos partidarios d'uma doutrina,

que, segundo a sua opinião, *talvez tem de mudar um dia a face da medecina, e revelar-nos altos mysterios*, se por um simples facto que presenciou, e de que não sabia dar a explicação, entrou incrédulo e sahio convencido, houve comtudo mirões que se não fiaram nas apparencias, e quizeram ver para crer o facto que vamos relatar provará, que na experiencia, que tanta impressão fez naquelle bom redactor, andou tanto a magica varinha do prestigiador como em outros muitos casos analogos.

Ha mezes a esta parte que uma célebre somnambula do Snr. Laurent, por nome Prudencia, captava a attenção pública pelas maravilhosas experiencias magnéticas, que pareciam provar a realidade da visão atravez de corpos opacos. Imagine o leitor uma mulher com os olhos tapados com grandes parches de tafetá engommado, por cima de uma cinta de terciopelo, e ainda sobre tudo isto uma grossa camada d'argilla; a occlusão dos olhos parece que devia ser perfeita; porém quem visse aquella senhora ler e jogar as cartas com prodigiosa facilidade, apesar de todo o apparelho, não podia deixar de sentir viva impressão de espanto e interesse. Sem embargo disso, Peisse, e Dechambre, quizeram ha pouco repetir por si proprios e estando bem acordados, as experienperiencias feitas com a Snr.ª Prudencia; applicaram um ao outro os mesmos meios d'occlusão, com identicas precauções, e o resultado ha sido tão estupendo como inesperado; a sua perspicacia foi tão perfeita como se houvessem adormecido com o mais profundo somno magnético. Em sete experiencias successivas sempre se manifestou o mesmo phenómeno, isto é, formarem-se cavidades e fendas em consequencia da desecação da argilla, atravez dellas passarem os raios luminosos, que chegavam até aos olhos, os quaes podiam abrir-se com muita facilidade debaixo do sobredito apparelho. Havendo elles publicado as suas experiencias, Frapart quiz repetil-as acompanhado de Latour, e os resultados foram exactamente os mesmos, por quanto sempre se produziram as taes fendas e cavidades em virtude da desecação da argilla, e por ellas poderam ver perfeitamente os objectos circumvisinhos. Frapart, o apostolo assanhado do magnetismo, como lhe chama a Revista Scientifica e Industrial, viu-se forçado a publicar os resultados destas experiencias, já se sabe com suas restricções, como era d'esperar d'um dos mais fanaticos magnetisadeiros, e o credito, e confiança, que até alli a somnambula havia sabido inspirar, padeceram não pequeno abalo.

Por aqui verão os nossos leitores o juiso que se póde fazer deste, e d'outros milagres magnéticos, que a cunha e a martello nos querem metter na cabeça os substitutos dos antigos adivinhões e védores.

A. J. de S.

NOVA LEMBRANÇA A' CAMARA MUNICIPAL.

LISBOA.

67 Em o artigo 284 lembrámos a esta respeitavel corporação que muito convinha fazer desapparecer tres elevações que ha desde o *Caes dos Soldados* até á *Madre de Deos*, obras que serião de pouca despeza, e aformosearião a Cidade, tornando-a mais transitavel por aquelles sitios.

Lembrar-lhe-hemos agora que muito conviria tambem nivelar todas quantas elevações ha até á ponte de Sacavem, e macadamisar a estrada até ahi, pois sendo consideravel o transito nesta direcção, muito mais facilmente correrião carros e seges, e omnibus; sendo resultado que a cidade se prolongaria até Sacavem, o que não poderia deixar de animar o commercio, e ser de grande interesse para diversos estabelecimentos.

Na parte do poente julgamos dever fazer-se o mesmo que aconselhámos para a do nascente.

E' na verdade grande desleixo continuar a calçar a rua de pedra grossa do Calvario para baixo. Quem viu o *Strand*, tão plano e liso, com seu excellente macadamiso, sem ter as faceis, e naturaes, escoantes que possue o terreno das margens do Tejo, vê com pena uma rua larga e espaçosa, calçada toda de pedra grossa. Dentro em pouco, e com pequeno gasto, se póde macadamisar desde o *Calvario* até á *Ponte de Argeis*, empregando neste serviço (não cessaremos de repetil'o) os 400 ou 500 presos do Limoeiro, e Cova da Moira, sem que para elle sejão precizos mestres d'obras, nem engenheiros.

O primeiro trabalho é escolher, e separar com alviões, encinhos de ferro, e enxadas, a pedra mais grossa da mais miuda, que ha por toda aquella praia, principalmente defronte da Caza Pia, ou antigo convento de Belem: aquella servirá para a primeira camada, e deitar-se-lhe-ha esta por cima. Em sitios onde a rua for larga, como na Junqueira, deverá ser um pouco inclinada para a parte do mar.

As estradas em o Norte, fazem-se convexas e abauladas, porque assentam sobre terrenos planos, e por isso convém escoar ás aguas para um e outro lado; mas em terreno montanhoso, como o das ruas de Lisboa, que correm de nascente a poente, figura-se-nos erro grave fazer as ruas convexas, como a das Janellas Verdes, em cujo trabalho se gastou mais do que era necessario; e se não, perguntaremos para onde ha de escoar a agua que cahir para o norte da rua? Não póde ir para os altos e elevações que estão d'aquella parte, e por isso forçoso é que despejem para o mar, para onde tem faceis e proximas escoantes. Provado fica pois que o macadamiso que se continuar nas ruas visinhas do Tejo que correrem de nascente a poente, deve ter maior altura no terreno que ficar da parte do norte, o qual deve descer, em conveniente proporção, até á extremidade da rua para o sul, afim de que a agua das chuvas vá logo direita ao logar para onde deve escoar, poupando-se assim trabalho e dinheiro, e ficando as ruas mais bellas e perfeitas.

Tambem se deve nivelar a que fica para baixo da Cordoaria até o Palacio que foi do Marquez de Angeja, tirando-se lhe os altos que tem aos lados, que tornão a rua de difficil transito para quem anda de noite. Além d'isso, fazendo-se o macadamiso, necessariamente deve este começar igual nas casas da parte do norte, e acabar n'um declive conveniente e igual nas da parte do Sul. Todo o trabalho consiste em cavar as elevações, tirar a terra em padiolas ou carros, descalçar as ruas, encher os carros dos materiaes que dissemos acharem-se nas praias, e ir lança-los no caminho que se pertende macadamisar, um pouco elevado de Norte a Sul: para as aguas escoarem rapidamente, e estar a rua sempre conservada, deve lançar-se por cima uma pequena camada de barro pegajoso, que ha em todos os bairros da capital, afim de unir as pedras sem produzir lama. Por cima se lançará outra camada de arêa preta, ou granito miudo, que ha principalmente defronte do convento de Belem, a qual fará uma argamassa com o barro, e será de todas a melhor para que se conserve por largo tempo sem o minimo estrago, e para não molestar os que transitam com seges, carros, e bestas, que despendem muito tempo e passam grandes incommodos antes de se alisarem as ruas. O systema de ser o macadamiso aplanado pelos carros e seges é só proprio dos paizes em que os terrenos estão cheios de agua quasi todo o anno, e em grandes plainos, onde as aguas escoam e vagarosamente, o que não póde acontecer nos terrenos da capital, que são rijos, e dão rapida escoante ás aguas.

Nada ha mais facil do que fazer excellentes ruas em Lisboa; muito convirá para isso ter em vista o que deixemos dito sobre esta materia.

C. X. P. B.

UM RICO PRESENTE.

68 O Snr. Conselheiro J. B. de Almeida Garrett recebeu, ha pouco, um riquissimo presente, que, além do seu grande valor intrinseco, tem o de lisongear as affeições mais queridas, e pelo modo com que foi feito, teve o de honrar as qualidades mais eminentes do nosso poeta, e do nosso Deputado. E' o presente um exemplar completo, e perfeitissimamente conservado, da primeira edição (a que foi revista pelo A.) das Lusiadas de 1572. — A offerta foi feita pelo Snr. J. P. Palha, mancebo das maiores esperanças, filho do antigo e honrado magistrado do mesmo nome, e foi feita de pura consideração e enthusiasmo pelos talentos e amabilidade do nosso admiravel escriptor, que, orando no parlamento, julgando no tribunal, conversando na sociedade, ou escrevendo no gabinete em tantos e tão diversos generos, tem sabido attrahir, com a estima e respeito geral, a affeição que sempre obtêem os raros caracteres que sabem conciliar a *independencia* do pensamento e a cortesia no trato, a elegancia das fórmas polidas, e a singelesa que sómente vem de um coração bom e leal.

Isolado de todas as influencias do valimento ou do poder, sem ligação de partido politico, este e outros testemunhos que ultimamente tem recebido o nosso sabio litterato, assim de muitos individuos distinctos, como de varias associações respeitaveis, tanto honram a quem os recebe como a quem os tributa.

C. M. S.

---

69 Recebemos o Projecto d'associação para o melhoramento da sorte das classes industriosas, pelo Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, 1 vol. em 8.º de 296 paginas impresso em Paris.

Obras de tal auctor como este não são para ser julgadas, nem ainda devidamente comprehendidas, sem mui grave e madurissimo estudo. E', em conceito mesmo de estrangeiros, um dos principaes escriptores philosophos d'este seculo; mas não querendo, nem devendo

do deixar a nossos leitores, sem alguma idéa sôbre um livro de tanta monta, com gosto inserimos n'este nosso archivo de doutrinas uteis, e de glorias portuguezas, a introducção que o auctor faz da sua obra, offerecida ao Snr. Oborne Henrique de Sampaio.

C. X. P. B.

A classe industriosa, ou que vive do seu trabalho, bem que seja a mais numerosa e util da sociedade, tem sido infelizmente até agora, em toda a parte, menos contemplada, e favorecida, do que podia, e devia ser. Milhares de individuos perescem victimas da miseria e da enfermidade, ou jazem no desprezo e nullidade do vicio, ou da incapacidade, por falta de educação e d'adequadas providencias, com que poderiam tornar-se uteis a si mesmos e á sociedade. Occorrer pois aos graves damnos, que d'este abandono, e descuido, provém á humanidade, procurando a conservação, e aproveitamento, d'uma classe tão numerosa, é um objecto que, interessando ao mesmo tempo a virtude e o saber, excita a sympathia dos corações sensiveis e generosos, occupa a attenção dos governos, e a meditação dos homens d'estado; isto é, d'aquelles que, por vocação ou officio, se dedicam a promover o melhoramento ou a reforma do estado social.

Neste nobre e glorioso empenho quiz V. S. assignalar por mais um modo o seu patriotismo, e philantropia, dignando-se, não só de approvar, mas de publicar o meu parecer, sobre este assumpto.

Sensivel a tão honroso convite, de boamente consinto nesta publicação, não porque me lisongeie de ter achado a completa solução d'um problema tão importante como vasto, e complicado, mas porque julgo de meu dever contribuir, quanto em mim estiver, para o bem da humanidade e da patria.

A miseria que opprime a classe laboriosa em Portugal, está escencialmente connexa com as causas que nos trouxeram o estado politico, em que nos achamos; e tanto aquella, como esta desgraça, não podem achar verdadeira cura, senão em uma adequada e completa reforma da organisação social.

Pode-se affirmar que em toda a parte onde a industria não achar emprego ou trabalho, e este não fôr devidamente remunerado, esse funesto effeito procede de vicio na constituição do estado.

Por não haverem reconhecido estas verdades é que os escriptores, que emprehenderam resolver o problema de melhorar a sorte das classes laboriosas, ficaram tanto áquem da desejada solução.

E' verdade que alguns se lisongearam de chegar indirectamente a esse fim, offerecendo diversos planos de associação; mas os seus esforços apenas conseguiram formar algumas communidades de cenobitas, taes como os Herrn-hutas, ou os da Trappe, que ficaram inteiramente separados do resto da sociedade, pois era impossivel que a parte menor da sociedade civil influisse na massa geral, a ponto de fazer recuar o progresso da viciosa civilisação em que desde a restauração das letras, e das artes, se acham todas as nações.

Platão, Campanella, Thomaz Moro, Fenelon, Bodin, e alguns outros escriptores, imaginaram varias sociedades organizadas na maneira que lhes pareceu mais propria para evitar os defeitos que haviam notado nas nações cuja organisação lhes era conhecida.

Mas estes homens doutos nunca pertenderam que fosse possivel fazer passar nenhuma nação existente do seu estado actual áquelle que, segundo elles, seria exemplo dos inconvenientes quen'elle se podessem encontrar.

Cada uma d'aquellas concepções nada mais era do que um ideal, que seus auctores offereciam aos legisladores, não para os adoptarem na sua totalidade, pois isso era evidentemente impossivel, mas para d'alli tomarem o mais que possivel fosse, para melhorar a sorte das nações que se tratasse de reformar.

Em nossos dias tres homens distinctos têem tentado o melhoramento das classes laboriosas, mediante a reforma da sociedade em geral: St. Simon, Fourier, e Owen.

O primeiro e seus discipulos, tendo traçado com vivas cores o quadro dos vicios e torpezas que desfiguram hoje a sociedade, apenas assentaram algumas balisas para a cura de tamanhos males, mas nem sequer tentaram apresentar o esbôço d'um plano de reforma; e nessas ideas soltas, que em seus discursos se abalançaram a proclamar, nada mais fizeram do que substituir erros a abusos. Por certo, grandes desgraças pezão sobre as nações, mas no meio da geral corrupção os principios de uma saã moral são geralmente conhecidos, e sinceramente confessados; em quanto os principios de moral e de politica professados por S. Simon, e seus discipulos, são de tal modo contrarios ao senso commum, que a consciencia publica se revoltou, aquella sociedade morreu quasi á nascença.

Igual sorte espera a associação, que Fourier se lisongeava de haver legado á posteridade. Este homem extraordinario, dotado de uma concepção mais vasta do que a de

St. Simon, mas fascinado por uma imaginação mais ardente, coordenou um plano de associação, digno de figurar entre os contos de *Mil e uma noites*, porem tão accommodado á tendencia romanesca do presente seculo que tem atrahido os applausos da mocidade e do vulgo, duas classes que mais facilmente se deixam levar pela phantasia.

Entretanto os principios em que este plano é fundado, são tão contrarios á natureza do coração humano, e aos habitos sociaes de todas as nações do universo, que a opinião da gente sensata logo reconheceu a impossibilidade da sua execução.

O terceiro plano de associação é o de M. Owen, outro homem não menos extraordinario, e cujo plano é mais conforme aos sentimentos e habitos da geração actual em Inglaterra, e nos Estados Unidos da America septentrional, onde elle tentou estabelecel'o.

Dois grandes defeitos porem, tornão impossivel, não digo a erecção, mas a conservação de similhantes estabelecimentos. O primeiro, e o mais essencial, é a falta absoluta de instituições, que dispensem a acção conservadora d'um chefe dotado das extraordinarias qualidades que distinguem M. Owen. E com effeito, logo que elle se ausentou dos que havia creado, e que julgava solidamente constituidos, não só se dissolveram, mas na sua decadencia mostraram o vicio radical da sua interna constituição; vicio que consiste em lhe faltarem muitos dos principios moraes indispensaveis a toda a sociedade humana, ou antes porque aquelle philantropo deixando-se arrebatar de certas falsas noções do bom e do honesto, tem adoptado um grande numero de principios immoraes.

E' certo que para se obterem todas as garantias de duração para quaesquer providencias que se houverem de tomar a bem das classes industriosas, seria necessario ligal'as ao systema geral da organisação politica do estado. Com tudo pareceu-me ser possivel coordenar um plano d'associação d'aquellas classes, que, prescindindo do principio politico, podesse ser adoptado por toda e qualquer nação; embora o seu governo seja absoluto ou representativo.

Tanto em uma, como em outra fórma de governo, as precisões das classes industriosas são as mesmas. Os principios donde devem sahir os meios de satisfazer áquellas precisões não podem ser outros senão os da justiça distributiva, e da moral universal, ambas independentes da organisação politica dos estados.

As precisões das classes industriosas podem reduzir-se ás seguintes rubricas, a saber: 1. Assegurar aos homens industriosos os meios de ganharem sua vida procurando proporcionar a producção ao consumo. 2. Emprestar aos emprezarios os capitaes de que carecerem para suas especulações, tomando-se as necessarias cautellas contra quaesquer sortes de abusos. 3 Adiantar os meios indispensaveis de subsistencia aos individuos que se acharem desoccupados por falta de saude, ou por não achar trabalho em que se occupem. 4. Prover a que os invalidos destituidos de bens proprios recebão da sociedade os soccorros correspondentes á consideração que lhes fôr devida, segundo o seu procedimento, e graduação. 5. Premiar a virtude, e punir o vicio. 6. Crear meios de recreação tendentes a desenvolver as faculdades physicas e moraes, em vez de divertimentos ineptos ou viciosos a que aquellas classes costumão entregar-se. 7. Prover á educação das creanças, principalmente dos orphãos, e expostos, começando da mais tenra idade que fôr possivel, até que cada um possa exercer a profissão para que fôr mais apto.

Eu não conheço plano algum de reforma social, que pareça destinado a satisfazer todos estes quisitos, senão o da sociedade dos Hern-hutas, ou irmãos Moravos, existente na Allemanha, e nos Estados Unidos da America septentrional. Entretanto a organização d'esta sociedade, tomando por base um certo numero de principios tendentes a isolal'a de todas as outras associações humanas, torna impossivel que ella venha a formar um corpo de nação. Assim, por mais respeitavel que seja, e na verdade é, aquella instituição, o seu plano está mui longe de resolver o problema de reforma das classes industriosas, consideradas como parte integrante de qualquer nação civilisada.

Cumpre não perder de vista, que se tracta, não só de reformar a geração presente, mas de preparar uma melhor condição para as gerações futuras.

Para se conseguir o primeiro d'aquelles dois fins é forçoso contar com os defeitos, não menos que com as boas qualidades das classes que se intenta reformar. Bem longe de pretendermos contrariar os habitos adquiridos pelas pessoas de que ellas se compõem, é d'elles que havemos de partir; quer seja para os fortificar, se forem bons, quer seja para os modificar gradualmente, se forem viciosos.

Os vicios, quaesquer que elles sejão, devem ser considerados como abusos de alguns

d'aquelles instinctos, que o creador depositou no coração do homem.

E' pois no desenvolvimento d'essa propensão primitiva, mas desenvolvimento conforme aos principios da sã moral, que deve assentar o plano de reforma.

Falsas ideas ácerca dos direitos e deveres de paternidade constituem um dos maiores obstaculos á adopção d'um systema d'educação conforme aos verdadeiros interesses dos alumnos, e da sociedade. Aquellas falsas idéas porem derivam d'um inconsiderado amor dos paes para com os seus filhos. E' pois d'esse mesmo amor que o plano de organisação dos collegios deve partir para que os proprios paes entendão que exercem seus direitos, ao mesmo tempo que satisfazem a seus deveres, entregando a pessoas dignas da sua confiança a educação de seus filhos; na certeza de que por este modo, não só se desoneram d'um encargo que por si os não poderião desempenhar, mas asseguram aos seus mesmos filhos um futuro, a que não poderiam aspirar, se fossem educados na casa paterna.

Taes são as bases sobre que hei coordenado o *projecto d'associação das classes industriosas*, que offereço como o unico meio proprio na minha opinião, para levantar aquellas classes, do estado de abatimento em que actualmente jazem, e assegurar-lhes uma sorte futura proporcional ao merecimento de cada um de seus membros, sem favor nem privilegio.

Tive particularmente em vista tornar esta associação independente do auxilio do goverdo, quanto fosse possivel, por conhecer quão pouco tempo resta ás pessôas encarregadas de dirigir os complicados negocios d'um Estado para descerem aos pormenores, que exigiria uma semelhante assistencia a favor das classes industriosas. A associação que proponho não precisa senão do primeiro impulso pelo modo indicado no principio do projecto, afim de se reunir a primeira assembléa, como cumpre, com o assenso, e debaixo das vistas do governo do Estado. Uma vez dado este passo, de nenhuma outra protecção carece, do que aquella a que em todo o paiz bem organisado tem direito qualquer estabelecimento de commercio ou de industria.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

70 Sahiu á luz — Portugal depois da Revolução de 1820 — por Julio de Lasteyrie: artigo extrahido da Revista dos Dois Mundos = publicada em 15 de Julho de 1841 = vende-se por 240 réis na loja da viuva Henriques na rua Augusta n.º 1.

Mérope, tragedia de Voltaire, traduzida em verso portuguez, por José Augusto Cabral de Mello e Silva, natural da Ilha Terceira, com esta epigraphe de Ovidio.

Veniam pro laude peto: laudatus abunde
Non fastiditus si tibi, lector, ero.

Já em um dos numeros precedentes fizemos os devidos elogios ao auctor, e não podemos deixar de confirmal'os hoje pela sua traducção da Mérope, traducção fiel, elegante, e em que a harmonia da versificação anda quasi sempre a par da pureza do estilo.

A actual traducção avivou-nos o desejo de ver em breve publicada a promettida Merope original do Snr. Garrett.

Vai publicar-se com o titulo de *Archivo das Sciencias Médicas*, e debaixo da direcção de A. J. de Souza, um Periodico mensal, em que serão tratados todos os assumptos pertencentes aos diversos ramos da Sciencia de curar: constará d'artigos originaes portuguezes, observações clinicas, colhidas tanto nos hospitaes, como na prática particular, extractos fieis e succintos dos diversos jornaes estrangeiros, e noticias bibliográphicas; obrigando-se os Redactores a occupar-se com especialidade d'aquellas materias, que versarem sobre a Medicina, Cirurgia, e Pharmacia, como partes da mais immediata utilidade e importancia.

Cada n.º do *Jornal* publicar-se-ha até ao dia 15 do mez respectivo, e conterá 40 paginas d'impressão em 8.º grande, excellente papel, e typo novo *interduo*. O 1.º n.º sahirá por todo o mez de Março.

Subscreve-se em Lisboa, na Loja da Viuva Henriques, Rua Augusta, N.º 1, e na de Martin, Largo do Chafariz do Loreto.

O preço da assignatura é de 960 rs por 6 mezes, pagos no acto de subscrever, isto para os Snrs. Assignantes de Lisboa: em quanto aos Snrs. das Provincias que quizerem subscrever, devem remetter o importe da assignatura por cautella do seguro, em carta franca, dirigida a S. J. M. de Sequeira, Gerente da Redacção, Rua dos Prazeres (á Praça das Flores) N.º 19.

FRANCEZA.

71 Reflexões sobre o desarranjo organico occasionado em a nossa economia pelas penas da alma, por Domingos Troy.

Sobre a mania do Suicidio, e o espirito de rebelhão suas cauzas e remedios, por J. Tissot.

Sobre o enfraquecimento das idéas e estudos moraes, por M. Matter.

Archivos geneológicos e historicos da nobreza em França, por M. Lainé. Tomo 7.º

Refutação, ou exame de todos os escritos ou jornaes contra ou sobre os bens communs, por M. Cabet.

Discurso sobre o sentimento e a intelligencia nas mulheres, pelo Dr. Marchal.

Nova Rhétorica franceza, extrahida de Aristoteles, Luciano, Longino, Cicero, Quintiliano, Severiano, Fenelon, Colin, Jouvancy, Gibert, Rollin, Crevier, L. Racine, Montesquieu, Dumarsais, Voltaire, Marmontel, Batteux.

Estudos sobre Virgilio, por Tissot, membro da academia franceza, e professor de eloquencia latina em o collegio de França.

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.
Rua da Condeça n.º 19.